

O JOGO NO SERTÃO: CONHECENDO O FUTEBOL AMADOR NA ZONA RURAL

Rosângela Duarte Pimenta¹

RESUMO: Neste trabalho analisamos o futebol amador praticado na zona rural, mais precisamente em uma comunidade localizada no distrito de Aracatiaçu do município de Sobral (CE), buscamos uma narrativa etnográfica para publicizar diferentes discursos e histórias de times de futebol amador no semiárido nordestino. Nesse sentido, destacamos a organização dos times, as classificações internas, as tensões, o campeonato “Copa Integração de Sobral”, a rivalidade local, os regulamentos e a mobilização e envolvimento das famílias e das comunidades, buscamos assim compreender o universo simbólico que confere sentido a prática amadora do futebol no meio rural.

Palavras-chave: Futebol amador; rural; regras.

SOCCER IN THE “SERTÃO”: EXPLORING AMATEUR SOCCER IN RURAL AREAS

ABSTRACT: This paper aims at analyzing the amateur soccer practiced in the countryside zone, more precisely in a community located in the district called Aracatiaçu, in the city Sobral (CE). It was written using an ethnographic narrative to show different discourses and stories of the teams of amateur soccer in the northeastern semi-arid region. In this sense, it was highlighted the organization of the teams, the internal classifications, the tensions, the championship called “Copa Integração Sobral”, the local rivalry, the regulations and the mobilization and involvement of the families and of the communities, and thus it was tried to comprehend the symbolical universe that makes meaning to the amateur practice of soccer in the countryside mean.

Keywords: amateur soccer; countryside; rules.

Os times de futebol amador provavelmente expressem as primeiras formas de organização popular em nosso país para vivenciar uma prática

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora Adjunta do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Sobral, Ceará, Brasil. E-mail: rosangelapimenta@yahoo.com.br

lúdica, pois nas primeiras décadas do século XX lazer e esporte não eram ainda percebidos como objetos de políticas sociais. Aqueles que eram excluídos dos clubes sociais, por não pertencerem às “boas famílias”, organizavam-se para formarem seus times e, assim, terem acesso ao esporte e ao lazer. A historiografia sobre o futebol brasileiro aumentou significativamente nas duas últimas décadas², mas em sua maioria, as pesquisas existentes se referem ao futebol profissional ou, quando este ainda era amador, referem-se quase sempre aos clubes sociais. Apesar da prática amadora do futebol ser massivamente presente em todas as regiões do nosso país, são poucos os trabalhos sobre futebol amador, principalmente sobre a prática amadora no meio rural. Este trabalho busca romper este silêncio sobre o futebol amador no meio rural, resgatar e analisar um pouco dessa história³. Opto por uma descrição detalhada, utilizando uma narrativa etnográfica para publicizar diferentes discursos e histórias de times de futebol amador no sertão nordestino, buscando apresentar o futebol praticado por amadores na zona rural. Animada por essa ideia e pela escassez de pesquisas, fui morar por quatro meses no assentamento estadual São João (Sobral-CE), eu estava num local privilegiado, pois o campo de futebol ficava situado em frente à casa do meu tio e as relações de parentesco me ajudaram nos contatos. Com a pesquisa conheci diversos times, mas destacarei a trajetória do time do assentamento: o União São João.

Espero através do União São João e de outros times do distrito de Aracatiaçu apresentar um mosaico do futebol amador praticado no sertão cearense. Destacar-se-á a organização dos times, as tensões, o campeonato “Copa Integração de Sobral”, a rivalidade local, os regulamentos e mobilização das comunidades locais nos dias de jogos, evidenciando como o

² Ver GASPAR, Lúcia e BARBOSA, Virgínia. **O futebol Brasileiro, 1894 a 2013: uma bibliografia**. Fundação Joaquim Nabuco. Ministério da Educação. Disponível em: http://www.fundaj.gov.br/images/stories/meca/futebol_no_brasil_pesquisa.pdf. Acesso em 05/01/2014.

³ Este trabalho é parte da minha tese de doutorado defendida em 2009, os dados apresentados são de 2006. Ver PIMENTA, Rosângela Duarte. **Desvendando o jogo: futebol amador e pelada na cidade e no sertão**. 2009. 213 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

futebol amador se constitui como prática de lazer para homens, mulheres e crianças.

1. O União São João: Lutas e Sonhos em Jogo

O time do União São João (USJ) é um dos times amadores de Sobral⁴, esta é uma cidade de médio porte, polo de desenvolvimento econômico da região norte do estado do Ceará. Segundo o censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) Sobral tem uma população de 188.233 habitantes, distribuída ao longo dos seus 2.123 km², é nesse território que estão localizados os seus 13 distritos: Sobral, Aprazível, Aracatiaçu, Bonfim, Caioca, Caracará, Jaibaras, Jordão, Patos, Rafael Arruda, Patriarca, São José do Torto e Taparuaba. Aracatiaçu, que em tupi-guarani que dizer “Ventos Fortes”, é um dos distritos mais antigos, tendo sido criado por lei em 1843. É o segundo maior distrito em extensão territorial, perdendo apenas para o distrito vizinho de Taparuaba. A população de Aracatiaçu é estimada em aproximadamente 8.000 habitantes, a maior parte vivendo na sede do distrito.

O USJ está localizado na zona rural, sua história revela as dificuldades e a paixão pelo futebol amador praticado no sertão, realidade que impõe obstáculos difíceis de imaginar para quem tem como referências as cidades urbanizadas. Como, por exemplo, a falta de telefones públicos ou de transporte coletivo. Porém, as dificuldades são esquecidas durante os jogos, as partidas sejam de amistosos ou de campeonatos se tornam um grande encontro festivo.

O time do USJ tem apenas dez anos de existência⁵, sua história está ligada ao surgimento do Assentamento Rural São João, pois poucos meses após a instalação das dez famílias no local, surgiu o time que herdou o mesmo nome do assentamento acrescentando-se a palavra “união”. O

⁴ Somente na Copa de Sobral de 2013 participaram 128 times, a Copa Sobral é um campeonato de futebol amador organizado pela Secretaria do Esporte de Sobral e Liga Sobralense de Futebol. Certamente esse número é bem inferior ao total de times amadores.

⁵ Em 2013 o time do União São João completou 10 anos de existência e atualmente quem dirige o time é o Sr. Estácio, um dos assentados.

nascimento do time já revela as dificuldades de manter um time na zona rural do semiárido nordestino, pois o USJ nasce de um time que havia parado por falta de recursos, assim um time morre e outro nasce:

Quando eu vim morar aqui o time tava parado aí eu pedi pra tomar de conta, quem tomava de conta era ele, “ó, seu Murilo, se quiser eu tomo de conta” aí eu tomei (...) O time daqui era Fortaleza do São João, mas hoje depois que tomei de conta eu achei melhor o time tá com União São João, pegava o São João né botei o nome de União, União São João (Célio⁶, diretor do União São João).

A maioria dos moradores do São João não tem renda fixa, apenas os que fazem parte dos programas de seguridade social (como aposentadoria, pensões e o programa bolsa-família) têm renda mensal, os demais dependem da agricultura, principalmente da venda de animais bovinos e caprinos⁷. Os assentados recebem recursos para manter a criação de animais e o cultivo da terra e também participam de outros projetos de agricultura familiar, mas, apesar disso, é pequena a circulação de dinheiro na localidade. Assim, a dificuldade financeira para manter os times é maior que nas grandes cidades.

Célio assumiu o time há dois anos e uma das primeiras providências foi buscar um outro uniforme para o time, e conseguiu o uniforme completo com um vereador, com quem sua família mantém uma proximidade política. Pude observar que outros times de Aracatiaçu e adjacências solicitam e recebem seus uniformes, bolas e redes de candidatos a cargos eletivos, principalmente para o legislativo municipal. Mas também foi possível encontrar um dirigente que não aceitava esse tipo de doação:

a gente faz um bingo, uma coisa assim e completa e compra o uniforme. Uniforme de político eu não tenho nenhum, procuro mais usar uniforme que a gente consiga mesmo, a gente compre (...) Eu não sou muito chegado a uma propaganda de político não, porque eu acho que são, quando eles visa aquilo ali é mais um tipo de exploração, eles acham que a gente, dando um monte de camisa a gente aqui, a gente fica definitivo grato aquilo ali (Vicente, diretor do Aracati).

⁶ Todos os nomes dos informantes neste trabalho são fictícios.

⁷ Há também uma pequena fábrica de queijo, mas que emprega informalmente apenas quatro pessoas.

Sr. Vicente, um pedreiro que já acalentou o sonho de ser jogador profissional, chegando a treinar por alguns meses no Guarany Sporting Club, clube de futebol profissional da cidade de Sobral. Assim, mesmo em um pequeno distrito encontramos uma relação entre os futebolistas profissional e amador. Sr. Vicente foi jogador amador e por seus reconhecidos capitais futebolísticos atuou em diversos times amadores, para depois se tornar diretor do Aracati. Em 2006, aos quarenta e três anos de idade, casado, tendo quatro filhos, sem acesso à educação formal, “uma pessoa que só sei assinar meu nome”, realizou uma leitura reveladora das relações clientelistas que substituem as inexistentes políticas públicas de esporte e lazer em muitos municípios de nosso país. A falta dessas políticas contrasta com a dedicação dos dirigentes dos times do pequeno distrito de Aracatiaçu.

A dedicação dos dirigentes muitas vezes não é suficiente para manter um time amador funcionando. No União São João, Célio conta com o apoio do irmão, único dos irmãos que tem renda mensal assegurada, pois é contratado como vigilante pela prefeitura de Sobral. Eduardo assegura os gastos maiores, como transporte para os jogadores que moram em outros distritos. Célio também recebe a ajuda da esposa – ainda que algumas vezes esta reclame - que lava o uniforme dos times, mesmo quando não recebe pagamento por isso. Percebe-se como o futebol amador é atravessado por relações familiares, seja ela de pai e filho, de irmãos ou de esposas e companheiras⁸.

A relação entre família e o time pode ser bem exemplificada através das sedes destes: a casa do diretor é quase sempre a sede do time. Há uma mistura de espaços sociais que não podem ser percebidos numa relação dicotômica como público-privado ou casa-rua⁹ (DAMATTA, 1985). A casa representada como lugar privado e da intimidade é invadida por um esporte

⁸ Alana Gonçalves em sua dissertação sobre futebol amador no município de Juazeiro do Norte (CE), relata “Há também o irmão do senhor Madalena que é como um a espécie de auxiliar do dono do time” (p.76). Ver GONÇALVES, Alana. **Futebol Amador: Campo Emergente de Sociabilidade**. 2002. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Sociologia. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.

⁹ DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

que tem no domínio público sua maior expressão, seja em partidas em grandes estádios ou em modestos terrenos baldios.

Durante a pesquisa foi comum encontrar nas casas dos diretores os símbolos das vitórias de um time: os troféus e medalhas sempre expostos na sala, como símbolo de orgulho e também de distinção social. Nas paredes, retratos de familiares e imagens de santos dividem espaço com fotos e recortes de jornais com notícias do time, que são cuidadosamente guardados. Na “sede-casa” guardam-se também os uniformes das equipes, a documentação quando os times são registrados, e muitas vezes é o local das reuniões com a diretoria, jogadores e torcedores. A casa-sede apresenta-se como sólida construção de um comprometimento e apaixonamento que é transmitido na família. A casa no meio rural é o local da família, uma família ampliada por sobrinhos, pais, padrinhos, afilhados e nos casos dos dirigentes de times amadores, abarca também o time de futebol.

Em Aracatiaçu a maioria dos times treina uma ou duas vezes por semana, diferentemente das grandes cidades, onde é difícil conciliar os horários das diversas atividades produtivas; no meio rural, esse encontro é mais fácil quando os jogadores moram no mesmo distrito. No caso do União São João apenas o segundo quadro conseguia realizar treinos, e isso apenas antes da Copa Integração, pois no primeiro quadro muitos jogadores não residiam na localidade do São João. A realização de amistosos é uma oportunidade para o União São João manter o time treinando e em funcionamento.

Os amistosos são marcados entre os dirigentes do time, é acertado um valor para pagar o transporte do time visitante, o time da casa depois devolverá a partida, jogando outra partida amistosa agora na casa do adversário, este por sua vez devolverá o dinheiro pagando o valor do transporte. Independente do valor acertado entre os times, o amistoso tem sempre que ser devolvido, algumas vezes a data do jogo de volta já é agendada junto com o primeiro jogo. Além dos amistosos é fundamental a participação em torneio e campeonatos. Um dos campeonatos que tive a oportunidade de acompanhar foi a Copa Integração.

2. A Copa Integração em Aracatiáçu: novos e velhos dilemas em campo

A Copa Integração (CI) é um campeonato de times amadores, destaque que tanto em Sobral quanto nos distritos os envolvidos nessa modalidade não utilizam o termo futebol de várzea: eles utilizam a denominação futebol amador. A CI é uma iniciativa individual, conduzida por dois jovens sobralenses, um residente em Sobral e outro em Aracatiáçu.

Os dois organizam o campeonato, elaboram um “pré-regulamento”, redigem os convites e os distribuem entre os representantes dos times e nas rádios locais, buscam financiamento para pagar premiação e gastos com arbitragem dentre outras atividades exigidas para a organização de um campeonato. Entretanto, a tarefa maior de organização é de responsabilidade de Marcos Maia, que também acumula a função de árbitro.

A CI não é uma atividade de um programa social voltado para o esporte e lazer, mas uma iniciativa localizada e individual. Os organizadores arrecadam recursos para a sua realização em quatro fontes distintas: prefeitura municipal, iniciativa privada, times de futebol amador e através de uma relação clientelista com um membro do legislativo municipal. Dos R\$ 2.631,00¹⁰ gastos com a realização da II CI, R\$ 1.700,00 foram recursos financeiros disponibilizados pela Secretaria de Esportes, ou seja, 64,6% do total das despesas. A participação do poder público municipal restringe-se apenas ao financiamento da atividade proposta, não interferindo na organização da CI, nem tampouco buscando integrá-la a uma proposta de política pública. Por um lado, a prefeitura permite que os organizadores ajam com autonomia, por outro se exime do seu papel de executor de políticas sociais na área do esporte e lazer. Embora Marcos Maia destaque a falta de apoio ao futebol amador, este não estabelece uma relação reivindicativa com a Secretaria Especial de Esportes de Sobral, deixando de inserir o esporte amador no campo dos direitos sociais.

Os organizadores recebem uma importante ajuda financeira – sem ela provavelmente seria impossível realizar a CI; em troca, retribuem convidando o prefeito para participar da cerimônia de abertura e

¹⁰ Valores do ano de 2006, à época esse valor equivaleria em dólares a U\$ 1.223,72.

divulgando o apoio dessa instituição para a realização do campeonato. Em 2006, a final da II CI sofreu dois adiamentos para que o prefeito estivesse presente, mesmo assim na terceira tentativa a final foi realizada sem a presença do representante do executivo municipal. Para Marcos, a presença do prefeito seria importante inclusive para assegurar a “ajuda” para o campeonato do ano seguinte, além de valorizar o seu trabalho de organizador do evento.

A relação com um vereador municipal expressa melhor o clientelismo ainda presente nas relações entre cidadãos e poderes públicos. Segundo Marcos, Paulão - vereador de Sobral - é o representante do legislativo que “apoia” o esporte amador em Aracatiaçu, contribuindo financeiramente com a CI. O discurso de Marcos revela como ocorre essa relação:

Eu tenho uma ligação política com o vereador, votei nele sem nenhum benefício, que eu sempre admirei os trabalhos dele. Chegou um ponto que ele disse: “Rapaz, eu vou ajudar a tua competição” Aí eu: “Pronto. Vai me ajudar”. “Vai me ajudar?”, “Vou”, “Então, beleza. Vou votar em ti”. Ai pronto criou-se esse vínculo. Tudo que eu vou fazer, às vezes, eu nem comunico a ele, de repente ele ouve falar. Liga pra mim: “Mas rapaz. Ta precisando de que? Um troféu? Medalha? Uma bola? Vem pegar tal dia”. Eu vou. Que num outro dia eu fiz um torneio de Damas, ele nem sabia. Ai mandou a premiação pra mim, sem eu nem pedir (Marcos Maia, organizador da Copa Integração).

Os termos “pedir” e “ajudar” revelam como o clientelismo ainda é forte nas relações políticas, embora não seja esse o papel a cumprir de um representante da população no poder legislativo. Essa sua “ajuda” é percebida como contribuição e apoio ao futebol amador, não apenas pelos organizadores do evento, mas também por dirigentes de times, que algumas vezes confidenciaram que apoiariam e votariam no referido vereador, visto que este era o único que “faz alguma coisa pelo futebol amador”.

O vereador esteve presente na final da II CI, além de ter seu nome inscrito na taça de campeão do quadro B, enquanto o prefeito de Sobral teve seu nome inscrito na taça do campeão do quadro A. O prefeito e o vereador também tiveram seus nomes grafados com cal no campo de jogo, bem ao

centro do campo era possível ler PMS¹¹ e de outro os nomes do prefeito e do vereador. O locutor do carro de som anunciava o apoio do vereador e do prefeito várias vezes durante os dois jogos. Apesar das eleições municipais estarem longe de se realizar (dois anos), ouvi manifestações de apoio aos dois políticos.

A CI revela que o futebol amador no meio rural é ainda preso a redes de clientelismo, sendo dependente desse tipo de prática, pois em um local onde há pouca circulação monetária, é muito difícil a realização de torneios ou campeonatos sem o envolvimento do poder público. O que se questiona é o fato do envolvimento com o poder público ainda ocorrer através de práticas tradicionais e não através de uma participação efetivamente cidadã, ou seja, o esporte e, no caso específico, o futebol amador deveria estar escrito no campo do direito e não em uma relação de troca de favores (Constituição Federal, Capítulo III, Art. 217, § 3º).

Os gastos para a organização de um campeonato são elevados não apenas para os organizadores, mas também para os times que participam. As principais despesas são com transporte e com os “jogadores de fora”, tornando difícil para os times se manterem ou mesmo participarem de mais de um campeonato ao mesmo tempo. Os dirigentes, na maioria das vezes, arcam com os custos, e algumas vezes recebem ajuda financeira, principalmente de membros da família, e fazem um “malabarismo” para participarem, pois é a participação em torneios e campeonatos que dão vida aos times. Quando não existe essa participação, o time fica “parado”, e se essa “parada” perdurar por um período extenso o time “acaba”, como foi o caso do Fortaleza do São João, que foi substituído pelo União São João.

Além dos campeonatos, os amistosos são fundamentais para os times, pois definem a existência ou o fim de um time, principalmente na zona rural. Na sede de Aracatiaçu, existem quatro times: Cearazinho, Aracati, CESA (Clube Esportivo de Aracatiaçu), e Cruzeirinho. Aracatiaçu mesmo sendo um distrito localizado na zona rural, possui uma pequena zona comercial, uma pequena fábrica de fogos de artifícios e alguns aparelhos sociais como as

¹¹ Em referência a Prefeitura Municipal de Sobral.

escolas de ensino médio e fundamental da região, um posto de saúde, um cartório e um centro cultural. O que assegura alguns postos de trabalho e uma circulação maior de dinheiro, facilitando a busca por recursos dos times.

As localidades afastadas da sede do distrito possuem no máximo um pequeno comércio, conhecido como “bodega”, onde é possível encontrar gêneros alimentícios e bebidas, normalmente é o ponto de encontro, pois também é, em geral, o único bar da região. Na comunidade do São João existe também uma pequena fábrica de queijos (que emprega cinco pessoas); assim, é pequena a circulação monetária, visto que a maioria dos moradores são agricultores rurais, dificultando a existência dos times. Além disso, a distância entre as diferentes comunidades implica no custo dos transportes, por exemplo, São João fica distante 8 km da sede do distrito de Aracatiaçu, 16 km de Taperuaba, 30 km da Imasa.

A regra presente nos amistosos que obriga um time que marca um jogo amistoso a “devolver” o jogo, acertando uma partida na “casa” do time convidado possibilita maior movimentação dos times. Geralmente, as datas são marcadas logo na primeira conversa entre os dirigentes. O time que recebe adianta um valor pecuniário para o transporte do time visitante e depois quando vai jogar na casa do visitante é a sua vez de receber o mesmo valor. A dívida presente nos amistosos permite que um jogo se transforme em dois jogos, essa duplicação é fundamental para que o time não fique “parado” e não corra o risco de morrer. Não há nenhum contrato legal que obrigue a “devolução” dos jogos, porém a maioria das regras que seguimos fielmente em nosso dia a dia não é formalizada.

2.1. Quebrando as regras do jogo

A II CI adotou o formato de dois quadros por times, ou seja, cada time deveria inscrever dois times no campeonato, sendo o time principal chamado de quadro A e o outro time de quadro B (no item seguinte detalharemos essa diferenciação). O importante no momento é reter que a CI se “divide” em duas competições - semelhante à primeira e segunda

divisões do futebol profissional no Brasil. Assim teremos duas tabelas e dois campeões. O União São João, como todos os times, também inscreveu os dois quadros, porém com o desenvolvimento da competição o time A não tinha mais chances de se classificar para a fase seguinte da competição, e o time B poderia se classificar caso vencesse seu último jogo com uma diferença de sete gols, algo improvável de acontecer.

O time da Estiva, de uma comunidade próxima ao São João (aproximadamente 6 km), estava em situação inversa na tabela: o Estiva B não tinha mais chances de classificação e o Estiva A somente se classificaria para a fase seguinte se ganhasse seu último jogo por uma diferença de seis gols, algo também pouco provável. Porém, os dois dirigentes dos times realizaram um acordo em que os dois times seriam beneficiados, pois na última rodada de classificação os times do União São João e da Estiva iriam jogar um contra o outro nos quadros A e B. Assim ficou acordado que o time A do União São João perderia de goleada para o time A da Estiva e o time B da Estiva perderia de goleada para o time B do União São João, e assim fariam o saldo de gols necessários para os times A da Estiva e B do União São João passarem para a fase seguinte. O acordo foi cumprido e os respectivos times se classificaram para a fase seguinte da CI.

Forjar o resultado de um jogo ou “entregar” um jogo é uma atitude veementemente condenada no futebol profissional, ou mesmo entre jogadores amadores, assim mesmo é uma prática que ainda ocorre no futebol profissional¹² e se é sempre condenada no discurso dos profissionais do futebol, às vezes pode ser solicitada pelos torcedores, se a entrega de um jogo prejudicar o maior rival¹³. Para os dirigentes dos times envolvidos no acordo não houve nenhum problema ético, pois eles queriam apenas se

¹² Na Copa do Mundo de 1978, há denúncias e boatos nunca comprovadas que a equipe do Peru “entregou” o jogo para que a equipe da Argentina ganhasse de goleada e se classificasse, eliminando o Brasil no saldo de gols. Recentemente, no campeonato italiano, times e jogadores foram punidos por forjarem resultados.

¹³ No campeonato paulista de 2004, o time do São Paulo chegou a última rodada classificado para a fase seguinte, enquanto o Corinthians era ameaçado de cair para a segunda divisão, caso a equipe do Juventus ganhasse do São Paulo e o Corinthians perdesse o jogo para a Portuguesa. Durante o jogo vários torcedores gritavam “entrega, entrega, entrega” e vaiaram o atacante são paulino que fez dois gols contra o Juventus, gols que livraram o Corinthians do rebaixamento.

classificar:

O nosso segundo quadro só dependia de vitória né pra ir pra semifinal e tinha que golear e o time deles precisava golear e o time da Imasa empatar, aí o nosso segundo quadro (...) aí Bené propôs entrar o nosso segundo e o primeiro deles, aí o nosso primeiro quadro não veio ninguém, só jogamo com oito jogador (Eduardo, diretor do USJ).

Embora o resultado desses jogos tenham ficado fora do padrão das duas equipes, aparentemente não despertou dúvida em outros diretores de times e nem mesmo nos organizadores. Célio durante a entrevista falou que não tinha tomado parte do acordo, seu irmão que é o que mais colabora financeiramente com o time, disse que ele tinha aceitado o acordo depois que foi procurado por seu amigo do time da Estiva. Um dos jogadores que não participou do jogo, afirmou que não sabia do referido acordo, seu discurso é ambíguo:

Aconteceu já, né?! Ninguém pode fazer nada, mas por mim, se eu tivesse ido pra jogar, eu ia jogar pra ganhar, nem ia jogar pra perder, não (...). Com esse acordo por um lado foi bom, né?! Porque o segundo quadro se classificou, né?! Mas...não chegou à final, né?! O principal era chegar à final. Nosso objetivo do segundo quadro era chegar à final. Mas não conseguiu (...) Achei certo, não. Porque pra gente chegar num canto que a gente quer chegar, a gente tem que chegar jogando e ganhando. Pra chegar através de acordo, por mim num foi certo, não. (Felipe, jogador do USJ).

O episódio acima revela o que seria uma falta grave no futebol profissional, qual seja, a combinação de resultados; porém, é importante destacar aqui a relação entre os dois dirigentes. Os dirigentes do time do União São João (e outras três famílias) residiram por mais de três décadas na comunidade da Estiva, inclusive o dirigente do União São João nasceu na Estiva, só se mudaram para São João devido ao projeto de assentamento do governo do Estado e essa mudança havia ocorrido há pouco mais de dois anos, sendo ainda muito fortes os laços de solidariedade e amizade entre os moradores da Estiva e seus antigos moradores. Poder-se-ia indagar: se não fosse estes laços tão estreitos o acordo teria sido realizado? É uma pergunta impossível de ser respondida, mas pode-se pensar que provavelmente esse

tipo de acordo só é feito caso se confie muito nas pessoas envolvidas. O certo é que uma regra de “jogo” foi suplantada por uma regra maior que o jogo de futebol amador, a regra da convivência e da conveniência.

2.2. A rivalidade: jogando com alteridade no futebol amador

Aracatiaçu e Taperuaba são dois distritos vizinhos e que ao longo da sua história disputam o lugar de distrito mais desenvolvido. Se essa disputa faz parte de uma tradição inventada por políticos locais não nos interessa no momento, o que importa é que de fato há uma rivalidade entre os moradores das duas localidades, seja para demonstrar quem tem maior poder econômico, que tem a melhor escola e, claro, quem tem o melhor time de futebol amador.

Aracatiaçu tinha, em 2006, quatro times e Taperuaba, três times. Em diferentes momentos vários torcedores e jogadores de times de Aracatiaçu informaram que a rivalidade entre Taperuaba e Aracati é ainda muito grande, mas essa rivalidade diminuiu, pois, segundo eles os times de Taperuaba não possuem a mesma qualidade que demonstraram ao longo dos anos. Semelhantemente ao futebol profissional, a rivalidade entre times é fundamental para o crescimento de clubes, a extinção de um rival fragiliza o clube que se configura como sua antítese.

P: E a rivalidade é maior entre os times daqui ou os times de Taperuaba?

R: Ah os times de Taperuaba! Aí é mais quente. É porque é assim, se bem que em Taperuaba nos últimos anos não se tem feito bons times né? (...)mas os times deles eram muito bons, aí era jogo duro e a rivalidade muito grande também. Vinha uns dois, três ônibus deles e quando vai para lá é ônibus lotado também. Para a gente ir para Taperuaba tinha que pelo menos alugar uns três carros que não cabia gente não. (Haroldo, jogador do Cearazinho).

Note-se que a rivalidade é maior quando os times adversários estão em condições de atuar bem em campo, realizando o que é considerado um grande jogo, por todos aqueles que assistem a uma partida de futebol, pois

como bem lembra Elias¹⁴ a emoção de um jogo é determinada também pelo equilíbrio entre tensão e prazer.

A final do quadro B da CI entre Aracati e Cruzeiro, expressou essa rivalidade, pois o jogo foi realizado no escaldante sol das três horas da tarde, mesmo assim cerca de 300 pessoas estavam na assistência da partida, número elevado de torcedores para uma partida que é considerada “preliminar”, pois o quadro B, mesmo sendo uma final, tem um estatuto inferior em relação ao quadro A, tanto que essa partida antecede a “grande final” do quadro A.

Os torcedores em diversos momentos ironizavam o time do distrito vizinho; principalmente quando os jogadores do Cruzeiro cometiam algum erro, podia-se ouvir expressões do tipo “só pode ser da Taperuaba mermo”, “num vão ganhar da gente nunca esses daí”. Mas a rivalidade não ultrapassava a linha tênue das brincadeiras jocosas, mesmo os torcedores do Aracati sendo maioria absoluta, pois os jogo era em “casa”. A maioria dos torcedores se conhecem há muito tempo e alguns deles têm relações de parentesco, o que faz com que todos saibam os limites das brincadeiras.

Em campo não houve nenhum problema que pudesse caracterizar um jogo “violento” entre rivais, apesar da disposição de ambas as equipes, não houve nenhuma falta violenta e nem reclamações mais exaltadas dos jogadores com o árbitro da partida. As reclamações contra os juízes eram feitas pelos torcedores com os tradicionais gritos de “juiz ladrão!”. O jogo terminou com a vitória do Aracati que ficou assim com a taça de campeão do quadro B da II Copa Integração. Provavelmente o fraco desempenho do time de Taperuaba tenha minimizado tensões dentro de campo, o time local foi bem superior ao time adversário, afetando o equilíbrio entre tensão e excitação.

A rivalidade entre os times locais de Aracatiaçu é menor e se constrói em outras bases, pois não há a oposição a um “outro”, pois todos são do mesmo distrito, e além disso há uma rotatividade grande entre os jogadores; por exemplo, em 2006 oito jogadores do Cearazinho já tinham jogado no

¹⁴ ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Memória e Sociedade, 1992.

Aracati, o organizador do evento quando atuava como jogador, passou por quatro times de Aracatiaçu. Então as rivalidades são construídas por conflitos internos que podem provocar a saída de vários jogadores, ou ainda por brincadeiras que são percebidas como “deboche” ou mesmo um insulto.

É bem legal assim, porque fica todo mundo dentro do jogo e antes da partida tem uma rivalidade muito grande assim, inclusive no dia em que a gente foi jogar contra o time do Cruzeiroirinho aqui, um dia antes a gente tinha ganhado de 6x0 no Aracati, então a torcida começou a brincar gritando “Barcelona, Barcelona”, sabe, aquele negócio todo e aí foram lá de madrugada e colocaram o cartaz no comércio (...) eles colocaram um cartaz: “não percam o grande jogo no Camp Nou” que é o campo do Barcelona né... “Barcelona e Cruzeiroirinho, sábado 4 da tarde”, sabe aquela rivalidade assim bem engraçado, colocaram, aí quando a gente ganhou, foram lá e colocaram “as portas estão abertas para todos os fãs do Barcelona” e tal sabe, eles não gostaram muito não, quiseram brigar por isso. A gente não se zangou não, mas eles na gostaram não. (Haroldo, jogador do Cearazinho).

As relações de jocidade¹⁵ fazem parte do universo social, o futebol não escapa a isso, seja ele profissional ou amador. Mas apenas quem participa desse universo pode ser jocoso com o adversário, pois estes conhecem as regras que governam essas relações de brincadeira, no caso acima, alguns jogadores do Cruzeiroirinho consideraram que o limite do permitido havia sido ultrapassado, porém os dois grupos conseguiram restabelecer a relação que havia sido ameaçada. O episódio perturbou a “ordem” na qual os atores orientam as suas ações, por isso também se empenharam em reparar suas relações, que ficaram paradoxalmente mais fortes, pois agora eles poderiam reivindicar uma rivalidade entre as equipes, o que tenderia a fortalecê-las.

2.3. Os jogadores: amadores e semi-profissionais

O futebol amador se organiza a partir de suas referências com o futebol

¹⁵ RADCLIFFE-BROWN, Alfred R. **Estrutura e Função nas Sociedades Primitivas**. Rio de Janeiro, Edições 70, 1989.

profissional, por isso muitos deles possuem CNPJ¹⁶, estatutos, e diretoria. Além disso, muitos dirigentes formam ligas amadoras¹⁷, como é o caso da LDA (Liga Desportiva de Aracatiaçu). A divisão de um time em duas equipes, 1º quadro e 2º quadro ou quadro A e quadro B, segue também a divisão do futebol profissional, pois atualmente as equipes se dividem basicamente entre equipe profissional e equipes em formação¹⁸.

A existência de dois times de uma mesma equipe expressa uma diferenciação interna importante entre os jogadores. Não há diferenças significativas entre os dirigentes e jogadores do meio urbano e rural na elaboração das diferenças entre os dois quadros de cada equipe. O primeiro quadro se caracteriza por possuir os jogadores que são mais experientes, que possuem um melhor rendimento físico e que são considerados bons tecnicamente, dominando bem os fundamentos dessa prática esportiva. Jogadores e dirigentes procuram amenizar essa diferenciação. Assim, a diferença entre os dois quadros é justificada ora por desenvolvimento biológico ora pela falta de experiência.

Tem uma diferença de qualidade, de experiência, que os jogadores do segundo quadro, às vezes, não tem muito costume, não tem esse currículo, num jogaram com muitos outros times, jogaram pouco, tão começando agora. E a gente coloca no segundo quadro. (Renato, jogador do Cearazinho).

O discurso acima é de um jogador de apenas 17 anos, titular do primeiro quadro do Cearazinho, e artilheiro da equipe, tendo feito 4 gols na final da CI. É um caso que exemplifica que não é apenas a idade o fator preponderante para a escolha de quem jogará no primeiro ou no segundo quadros, mas o que é decisivo para a definição em qual quadro atuará um jogador é o seu reconhecido capital futebolístico.

Alguns dirigentes procuram comparar o segundo quadro a uma divisão de base do primeiro quadro, valorizando assim os jogadores do segundo quadro e apontando a possibilidade de sua ascensão. É uma forma de

¹⁶ Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica.

¹⁷ Lembrando as primeiras ligas amadoras do início do século XX, precursoras das atuais confederações de futebol profissional.

¹⁸ Juniores e juvenis (sub-19, sub-17, sub-15), mas pode haver variações entres os clubes que dependem basicamente do seu capital econômico.

estimular e diminuir as diferenças entre os dois quadros, pois os horários dos jogos já revelam a posição assimétrica entre eles. Assim, a partida do segundo quadro é marcada antes do primeiro, funcionando, na prática, como uma partida preliminar que converge os torcedores para a partida principal, marcada para um horário mais adequado, como ocorreu na final da II CI. O discurso dos dirigentes e dos jogadores visa reduzir a hierarquia entre dois grupos:

É porque o primeiro quadro é sempre aquele jogador considerado melhor e o segundo quadro é aquele jogador inferior né que é mais novo, é tipo uma base que a gente tá fazendo para mais na frente lançar no primeiro quadro, quer dizer, é tipo uma escolinha, escolinha do time grande. Passa do dentinho, do dentinho para o juvenil, do juvenil se profissionaliza para ir pro time principal, exatamente somos nós aqui. (Vicente, diretor do Aracati).

A diferenciação interna entre os jogadores não deve ser transplantada para fora do time, pois afinal todos pertencem ao mesmo extrato social e se algum jogador do primeiro quadro se comportasse como superior aos do segundo violaria a regra do jogo coletivo e social: os iguais devem se comportar como iguais, buscando ofuscar os elementos de distinção presentes na relação. Da mesma forma que no futebol profissional é uma falta grave o jogador ser um “mascarado”, no futebol amador o respeito é uma categoria importante para pensar a relação entre os jogadores: “Eles respeitam muito o pessoal do primeiro quadro. Respeitam, não chegam muito duro. Ai a gente dá um respeito a eles também, pra eles num perder a motivação, né?” (Renato, jogador do Cearazinho).

A “base” de um time de futebol profissional é formada por jogadores jovens; no futebol amador, embora existam muitos adolescentes, também existem jogadores mais velhos, acima de 35 anos. Em comum, eles têm um *déficit* físico, os primeiros ainda não estão com seus corpos plenamente formados, os segundos não têm a mesma disposição física que os jogadores mais jovens. Assim, para além do discurso da “base” e da “formação”, o segundo quadro permite que homens com pouca capacidade técnica possam efetivamente participar do time, mesmo que eles saibam que seu

estatuto como jogadores é inferior. Dessa forma, é através do segundo quadro que os jogadores da comunidade local são incorporados: “no segundo quadro nós fichemos 22 jogadores daqui, tudo daqui, num tinha um de fora, só daqui mesmo” (Célio, diretor do USJ).

Na CI os jogadores inscritos no segundo quadro podem atuar em partidas do primeiro quadro, mas o contrário é vedado pelo regulamento. Essa regra visa garantir o equilíbrio nas disputas, o que sabemos é fundamental para o sucesso do futebol. Além disso como os jogadores do segundo quadro são de “casa” é mais fácil substituir algum jogador de “fora” que se ausentou ou se atrasou para o início de um jogo. Como o primeiro quadro é considerado o time principal os esforços maiores dos diretores se dirigem para o estes; assim os poucos recursos financeiros que o time arrecada são utilizados para assegurar a constituição de um bom time, por isso todos os times que observei possuíam jogadores de “fora”, ou seja, jogadores que não residiam na comunidade onde o time foi criado e que algumas vezes recebiam algum tipo de ajuda financeira para competirem.

2.3.1. Não basta competir: a “contratação” dos jogadores de “fora”

Todos os times a que tive acesso durante a pesquisa tinham jogadores de fora no primeiro quadro, a diferença entre os times está principalmente nos recursos financeiros e nas relações de amizade entre dirigentes e jogadores. Assim, a “contratação” de jogadores dependerá desses dois fatores: dinheiro e amizade. Alguns times conseguem montar times com jogadores quase todos de fora, outros com apenas três jogadores, mas na maioria a presença deles.

A “contratação” de jogadores de fora visa montar times com maior capacidade técnica, qualificando o elenco, pois a conquista de um torneio ou campeonato é fundamental para a sobrevivência dos times, pois quando um time é campeão, aumentam os convites para realização de amistosos, o que assegura que o time continue funcionando, mesmo quando não há campeonatos, além de se tornarem populares entre os apreciadores do

futebol amador. Além das premiações, que mesmo quando não são em espécie, são vantajosas para os times, pois quase sempre se trata de material esportivo: uniformes completos, bolas oficiais, pares de chuteira e redes.

Os jogadores de “fora” são considerados atletas que tem uma melhor condição física e técnica, alguns deles já foram jogadores profissionais¹⁹ e mesmo quando são apenas amadores, são considerados por dirigentes, jogadores e torcedores como bons jogadores, e que por isso os times lutam para ter esses jogadores em seus times. Os diretores são os responsáveis por “convidar” os jogadores de “fora”, o contrato que se estabelece é totalmente informal, ou como eles mesmo dizem “é na base da amizade”; assim, jogadores e diretores confiam na palavra um do outro, principalmente porque já se conhecem há algum tempo, seja porque residem em comunidades próximas ou por esses jogadores terem alguma ligação com a comunidade do time – em geral são parentes ou amigos de algum diretor ou torcedor do time. Dessa forma, mesmo quando há algum tipo de remuneração, o que determina o “acerto” com o jogador são as relações interpessoais.

A “amizade” será sem dúvida a categoria que definirá a entrada de um jogador de “fora”. A amizade é uma relação permeada pela dádiva, pois a reciprocidade é intrínseca às relações de amizade. A “consideração” que um jogador de “fora” tem por um diretor ou por time é posta à prova no momento em que o convite para integrar um time é feito, quando existe a “amizade” o jogador aceita o convite mesmo que não exista nenhum tipo de remuneração pecuniária.

Os diretores quando “contratam” fazem essa ação através da amizade e precisam, portanto, retribuir e o fazem através de algumas atitudes: assegurando a titularidade do jogador, providenciando o transporte até o local do jogo, assegurando medicamentos em caso de contusões. Existem também outras formas de remuneração: a doação de material esportivo é uma delas, como ocorreu com o time do União São João, que presenteou os

¹⁹ Em Aracatiaçu, encontramos alguns jogadores da divisão de base do Guarany Sporting Club e também em times da segunda divisão do campeonato cearense, refiro-me a alguns jogadores do Nova Esperança (Imasa).

oito jogadores de “fora” com um par de chuteiras para cada um deles. A “resenha” ou a “brincadeira” após os jogos é também um dever do time, assim os diretores arrecadam contribuições entre os membros da comunidade e familiares para assegurarem o encontro dos jogadores após as partidas, normalmente esse encontro ocorre nos bares onde o time se reúne com frequência.

No início da década de 1980 “não tinha a facilidade que tinha hoje em dia”, só havia um time em Aracatiaçu, pois o CESA (Clube Esportivo de Aracatiaçu), fundado em 1962, estava com as atividades paralisadas há muitos anos. Com o passar do tempo, Aracatiaçu chegou a ter seis times somente na sede, o que é um número consideravelmente elevado para essa região. Esse aumento de times – isso sem contar com os times das comunidades rurais afastadas da sede do distrito – acarretou uma disputa por jogadores na região.

A final da II CI envolvia dois times que tinham um perfil bem diferente e ilustra bem as diferenças presentes no futebol amador. O Cearazinho jogou a final com três jogadores de fora, o artilheiro da competição tinha apenas 17 anos e era jogador local. O time do Nova Esperança, ao contrário, possuía nove jogadores de Forquilha (município vizinho a Sobral), e jogavam no time do Real Madrid desse município. “Contratados” para jogar pelo Nova Esperança, despertaram muitas críticas, principalmente dos adversários. Durante os dois jogos a que assisti do Nova Esperança, ouvi vários comentários em tons de troça e deboche “lá vem o Real Madrid”, “Nova Esperança? É Real Madrid”, “não é da Imasa²⁰, é da Forquilha”.

O Nova Esperança perdeu a final para o time mais “caseiro” da região, o que reforçou a ideia de que os times, embora precisem de reforços, através dos jogadores de “fora”, eles precisam ter uma base formada por jogadores locais. Assim, o segundo quadro deveria funcionar efetivamente como período de experiência e formação. Alguns jogadores e diretores reforçaram o argumento de que os jogadores locais têm mais compromisso com o time e também um maior entrosamento, pois treinam uma vez por semana. Note-se

²⁰ Nome da comunidade onde surgiu o time do Nova Esperança.

a semelhança com os discursos produzidos sobre futebol profissional.

A diferença é porque a gente jogando com um jogador de casa mesmo a gente já conhece o estilo de jogo. E com jogador de fora ninguém conhece. Fica ruim jogar com jogador de fora porque a gente não sabe como é que ele joga. Não sabe qual é a posição que ele vai jogar. Ai fica complicado da gente jogar com ele (Felipe, jogador do USJ).

Importante destacar que ao realizar o acompanhamento da final da I Copa Morro Branco, no 1o. dia do ano de 2014, os diretores dos times que chegaram a final (União São João e Atlético da Estiva) destacaram o fato de que a Copa Morro Branco somente aceitava jogadores locais e que o próximo campeonato que será realizado em Aracatiaçu, somente aceitará um jogador de “fora” por equipe. Essas informações revelam que o uso excessivo de jogadores de “fora” além de onerar ainda mais os times, gera insatisfação entre os jogadores locais.

São inúmeras as dimensões a serem analisadas no futebol amador: estrutura do times, organização, participação em campeonatos, rivalidades, jogadores de casa e de fora, dentre outros elementos, porém um outro aspecto que se evidencia ao pesquisar o futebol amador na zona rural é a capacidade que essa prática esportiva possui de se constituir como uma prática esportiva para os atletas e como atividade de lazer para a comunidade. Desse modo, o futebol amador no sertão se apresenta como uma forma de lazer para toda a família, possibilitando para a maioria das mulheres e crianças um dos poucos meios de circular entre os distritos, se concretizando algumas vezes como única alternativa de lazer.

3. O pau-de-arara e a torcida no sertão: jogo de homem, lazer de família.

Os jogos de futebol amador no sertão têm uma característica importante que os distingue dos jogos que ocorrem no meio urbano, pois se neste espaço os jogos dos times reforçam os laços de identificação com a comunidade - e claro, momentos de lazer e descontração, principalmente

entre os homens – no meio rural, os jogos, sejam eles de campeonatos ou apenas jogos amistosos, convertem-se numa “festa” que envolve não apenas a díade jogadores-torcedores, mas também a maioria dos membros da família dos jogadores e diretores.

As partidas são uma oportunidade de lazer para toda a família e também para os demais moradores, pois movimentam a comunidade, tanto nos jogos de ida quanto nos jogos de volta. Em um jogo amistoso do União São João em casa, observei uma quantidade de pessoas que eu ainda não tinha visto durante o período que lá residi, contei 22 adultos, além de um vendedor de picolé em saquinho e muitas crianças. No meio das pessoas há uma presença grande das esposas dos jogadores e de seus filhos, além de alguns idosos também se fazem presentes.

Acompanhei o jogo onde o USJ jogou fora de casa, contra o Aracati, um dos times da sede do distrito de Aracatiaçu, distante oito quilômetros do assentamento. Fomos de pau-de-arara para a sede, ou como os moradores dizem “pra rua”. O pau-de-arara é um caminhão utilizado para o transporte de pessoas, sendo sua carroceria adaptada para isto, bancos de madeira são afixados, e também uma proteção de madeira ao redor do caminhão e também no teto, formando quase um baú de aproximadamente 1,50m de altura. Como as “grades” são formadas de madeiras, uma grande lona amarela no teto protegia-nos da chuva.

O caminhão foi até a entrada do assentamento, lá embarcaram a maioria dos jogadores do time, cerca de dez, e algumas mulheres e crianças. As mulheres que foram eram esposas dos jogadores com seus filhos, como foi o caso de Tânia e Lúcia, que levaram seus filhos, além de mim e Maria, minha prima e irmã do diretor do time, Célio. Saímos mais ou menos às 14:00h, mais à frente o caminhão parou e subiram mais três jogadores e a esposa de um destes. Mais a frente outra parada rápida e o embarque de mais três jogadores.

Rapidamente o caminhão ficou lotado. A cabine do caminhão é privilégio das senhoras mais velhas ou mulheres com crianças de colo, as demais mulheres e crianças dividem o espaço com os jogadores. Na

carroceria muitas brincadeiras entre os jogadores, um deles quando o caminhão entrava na sede do distrito gritava e ria bem alto: “Vamo pro grande jogo... ninguém pode perder. O União São João... é um grande time, melhor que Barcelona”. Todos do caminhão riam bastante desse tipo de brincadeiras. O momento de ir jogar fora é um acontecimento especial, principalmente para as mulheres, que pouco saem de comunidade, mesmo para lugares próximos como a sede do distrito. Segundo Lúcia, esposa de um jogador, “é muito bom quando tem jogo fora, pelo menos a gente sai de casa”.

As partidas de futebol tornam-se um momento de encontro e reencontro, principalmente quando ocorre em lugares mais distantes, pois diante da falta de transporte coletivo e particular, torna-se difícil visitar parentes que moram em localidades mais distantes, principalmente para as mulheres que nitidamente são destinadas ao espaço privado. Como na cidade, as partidas tornam-se um grande encontro festivo, mas acrescenta-se que no meio rural este é um dos poucos momentos onde os moradores podem deslocar-se dentro de seu município apenas para uma atividade de lazer, pois quando vão para a “rua” (sede) ou para Sobral, na maioria das vezes, esse deslocamento é feito para cumprimento de alguma atividade como a ida a um médico ou para realizar alguma tarefa.

Após as partidas em casa, os jogadores reúnem-se com alguns torcedores para tomarem refrigerante e cachaça. A conversa animada, recheada de brincadeiras gira em torno da partida: as jogadas mais bonitas e as mais engraçadas, as reclamações contra os juízes, os gols, as falhas, etc. Mas diferentemente do que ocorre no meio urbano os encontros não demoram muito, em média duas horas, a maioria dos jogadores não tarda a retornar para suas casas, alguns continuam a “brincadeira” no único bar da localidade. Quando o jogo é fora de casa, rapidamente os jogadores e alguns torcedores dividem um litro de cachaça, pois o caminhão é alugado por um determinado tempo, não podendo haver atraso. Nesse caso, o pau-de-arara substitui o bar, pois o consumo e as brincadeiras continuam durante o percurso de volta pra casa.

A proximidade entre jogadores e torcedores ocorre antes, durante e após as partidas dos times. Como vimos, muitos torcedores contribuem financeiramente para o time – ou colaboram de alguma forma, por exemplo, ajudando a transportar os uniformes do time e a água para os jogadores. Durante as partidas incentivam, xingam e, sobretudo, estabelecem relações de jocosidade com os jogadores. Entretanto, essas provocações jocosas são limitadas pelas regras de convivência entre os grupos, sendo repreendido aquele que rompe com as regras²¹. A participação não termina com o fim do jogo, ao contrário, os torcedores e jogadores participam de um momento importante: a confraternização após os jogos.

Quanto maior o envolvimento dos torcedores com o time, maior será a participação nas comemorações. Reiteramos que a confraternização após cada jogo é tão esperada quanto à própria partida. O encontro após os jogos reforça os laços entre jogadores, torcedores e jogadores e, principalmente, encerra discussões que ocorrem durante as partidas, o xingamento se transforma em piadas, afinal as brigas são percebidas como “coisa de jogo”, e a confraternização é um dos momentos onde se restabelece o compadrio, as relações de amizade. Assim, o “terceiro tempo” fortalece as relações interpessoais, a solidariedade e a amizade, não somente entre jogadores, mas também entre torcedores, diretores e jogadores.

O futebol amador no meio rural possibilita para além da prática esportiva uma ampla rede de sociabilidade, fortalecendo as relações interpessoais, reforçando os sentimentos de pertença e de solidariedade, e apesar da “falta de apoio” do poder público se constitui como uma importante prática social e cultural para a comunidade local. O jogo está apenas começando, que outros pesquisadores possam entrar em campo para ampliar e desvendar esse fascinante universo do futebol amador no sertão.

Recebido em: 30.01.2014

Aprovado em: 10.04.2014

²¹ GARFINKEL. H. **Studies in ethnomethodology**. New Jersey: Prentice-Hall, 1967.